



Um  
caminho

para a

liberdade

jojo

moyes



Um caminho  
para a liberdade



# Um caminho para a liberdade

Jojo Moyes

Tradução de Ana Rodrigues, Catharina Pinheiro,  
Julia Sobral Campos e Maria Carmelita Dias



Copyright © Jojo's Mojo Ltd, 2019

TÍTULO ORIGINAL  
The Giver of Stars

PREPARAÇÃO  
Ilana Goldfeld  
Marcela de Oliveira

REVISÃO  
Milena Vargas  
Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M899c

Moyes, Jojo, 1969-

Um caminho para a liberdade / Jojo Moyes ; tradução de  
Ana Rodrigues ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.  
368 p. ; 23 cm.

Tradução de: The giver of stars  
ISBN 978-85-510-0545-3  
ISBN 978-85-510-0425-8 [ci]

1. Romance inglês. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

19-58370

CDD: 823

CDU: 82-31(410.1)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

[2019]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Barbara Napier  
Que me deu estrelas quando eu precisei.

E para as bibliotecárias do mundo todo.



# Prólogo

*20 de dezembro de 1937*

*Escute:* quando se entra cinco quilômetros na floresta, logo abaixo de Arnott's Ridge, o silêncio é tão denso que parece até difícil atravessá-lo. Os pássaros não piam ao amanhecer, nem mesmo no auge do verão, e muito menos agora, quando o ar gelado é tão úmido que chega a endurecer as poucas folhas corajosamente agarradas aos galhos. Nada se move em meio aos carvalhos e às nogueiras; animais selvagens afundam na terra, as peles macias aglomeradas em cavernas estreitas ou troncos ocos. A neve é tão profunda que as pernas do burro somem até a altura dos jarretes, e volta e meia ele vacila e dá uma resfolegada desconfiada, procurando pedras soltas e buracos sob a brancura infinita. Apenas o córrego estreito mais à frente segue resolutivo, a água límpida murmurando e borbulhando sobre o leito de pedra, rumo a um ponto final que ninguém aqui jamais avistou.

Margery O'Hare tenta mexer os dedos dentro das botas, mas estão dormentes há muito tempo, e ela estremece ao pensar na dor que vai sentir quando aquecê-los. Três pares de meias de lã, e, àquela temperatura, daria no mesmo se estivesse descalça. Ela acaricia o pescoço do burro, tirando com as luvas grossas e masculinas os cristais que se formam no pelo espesso do companheiro.

— Charley, meu garoto, o rango vai ser reforçado esta noite — diz ela, e observa as orelhas enormes do animal se voltarem para trás.

Ela se remexe, ajustando o alforje, conferindo o equilíbrio do burro enquanto descem em direção ao córrego.

— Melaço quente no jantar para você. Talvez eu até coma um pouco também.

*Mais seis quilômetros,* ela pensa, desejando ter comido mais no café da manhã. Atravessar a escarpa dos índios, subir a trilha de pinheiros amarelos,

depois mais dois pequenos vales, e a velha Nancy apareceria, entoando cânticos como sempre fazia, a voz nítida e alta ecoando pela floresta conforme ela caminha — balançando os braços feito uma criança — para encontrá-la.

— Não precisa andar oito quilômetros para me encontrar — diz ela a Nancy a cada quinquena. — É o nosso trabalho. Por isso estamos a cavalo.

— Ah, vocês, garotas, já fazem coisas demais.

Ela sabe o real motivo. Assim como sua irmã Jean, acamada na minúscula casinha de madeira em Red Lick, Nancy não pode sequer conceber a possibilidade de perder a leva seguinte de histórias. Tem sessenta e quatro anos, três dentes bons e uma quedinha por caubóis bonitos.

— Aquele Mack McGuire faz meu coração estremecer que nem lençol no varal. — Ela une as mãos e ergue os olhos para o céu. — Do jeito que Archer descreve ele, nossa, parece que está saindo das páginas do livro e me jogando naquele cavalo. — Ela se inclina para a frente, como se contasse um segredo. — E não é só naquele cavalo que eu ficaria feliz de montar. Quando eu era mais moça, meu marido dizia que eu tinha um traseiro e tanto!

— Não duvido, Nancy — responde ela toda vez, e a outra explode em uma gargalhada, batendo nas coxas, como se nunca tivesse dito aquilo.

Um galho se quebra ali perto, e as orelhas de Charley se agitam. Com orelhas daquele tamanho, deve conseguir ouvir até o que acontece em Louisville.

— Por aqui, garoto — diz ela, afastando-o de um afloramento rochoso. — Vai ouvir a voz dela em um minuto.

— Indo para algum lugar?

Margery vira o rosto abruptamente.

Ele cambaleia um pouco, mas seu olhar não vacila. Ela percebe a espingarda engatilhada, que ele carrega feito um tolo, com o dedo no gatilho.

— Vai olhar para mim agora, é, Margery?

Ela mantém a voz firme, a cabeça a mil.

— Estou vendo você, Clem McCullough.

— *Estou vendo você, Clem McCullough.*

Ele cospe ao repetir a frase, como uma criança malcriada no pátio da escola. Seu cabelo está eriçado de um lado, como se tivesse amassado ao dormir.

— Você me olha de cima, empinando esse seu nariz. Olha como se eu fosse uma sujeira no seu sapato. Como se você fosse especial.

Ela nunca teve medo de muita coisa, mas conhece os homens das montanhas bem o bastante para saber que não deve arrumar confusão com um bêbado. Sobretudo um bêbado com uma arma na mão.

Faz uma rápida lista mental de pessoas que pode ter ofendido — Deus sabe que não são poucas —, mas McCullough? Além do óbvio, não consegue pensar em nada.

— Qualquer desavença que sua família tinha com meu pai foi enterrada junto com ele. Sou a única que restou e não estou interessada em rixas de família.

McCullough está bem no caminho dela agora, as pernas enterradas na neve, o dedo ainda no gatilho. Sua pele tem o tom arroxeadado de alguém embriagado demais para perceber o frio que está sentindo. Provavelmente também está embriagado demais para acertar a mira, mas ela não quer se arriscar.

Margery ajusta o peso, desacelerando o animal, e olha para o lado. As margens do córrego são bem íngremes, com árvores demais para que ela consiga passar. Teria que convencê-lo a se afastar ou passar por cima dele, e a tentação de escolher a segunda opção é grande.

As orelhas do burro se voltam para trás. No silêncio, ela ouve o próprio coração batendo, pancadas insistentes nos ouvidos. Distraída, se dá conta de que talvez nunca tenha ouvido o coração bater tão alto.

— Estou só fazendo meu trabalho, Sr. McCullough. Ficaria agradecida se me deixasse passar.

Ele franze a testa, percebendo o insulto disfarçado sob a menção exageradamente polida de seu nome, e, quando o velho move a arma, ela percebe o erro.

— Seu *trabalho*... Se acha tão importante e superior. Sabe do que você precisa? — Ele cospe ruidosamente, aguardando a resposta. — Eu disse: sabe do que precisa, garota?

— Imagino que a minha ideia do que preciso seja muito diferente da sua.

— Ah, você tem resposta para tudo. Acha que a gente não sabe o que vocês andam fazendo? Acha que a gente não sabe o que vocês andam espalhando entre as mulheres decentes e devotas? A gente sabe o que estão aprontando. Você tem o diabo no corpo, Margery O'Hare, e só tem um jeito de tirar o diabo de uma garota feito você.

— Bem, eu com certeza adoraria ficar para descobrir, mas estou ocupada com a minha rota, então quem sabe a gente não continua isso...

— Cale a boca! — McCullough ergue a arma. — Cale a porra dessa sua boca.

Ela fica quieta.

Ele avança dois passos, as pernas abertas e firmes.

— Desça desse burro.

Charley se mexe, inquieto. O coração de Margery parece uma pedra de gelo na boca. Se ela se virar e fugir, ele vai atirar. A única rota é seguindo o córrego; o chão da floresta é pedregoso e difícil de atravessar, a mata é fechada demais para que consiga abrir caminho. Não há ninguém em um raio de quilômetros, ela se dá conta, ninguém a não ser a velha Nancy avançando lentamente pela montanha.

Ela está sozinha, e ele sabe disso.

A voz dele fica mais grave.

— Eu disse: desça *agora*.

Ele dá mais dois passos na direção dela, esmagando a neve ruidosamente.

E eis então a pura verdade, para ela e todas as outras mulheres por ali: não importa quão inteligente você seja, quão esperta, quão independente — pode sempre ser superada por um homem idiota com uma arma. O cano da espingarda está tão perto que ela observa os dois buracos negros sem fim. Com um grunhido, ele larga a arma de repente, deixando-a pender na alça às suas costas para segurar as rédeas dela. O burro empina, de forma que a moça se debruça desajeitadamente em seu pescoço. Ela sente McCullough agarrar sua coxa com uma das mãos, enquanto estende a outra em direção à arma. Seu hálito está azedo de álcool, e a mão, muito suja. Cada célula do corpo de Margery se retesa com o toque.

E então ela ouve a voz de Nancy ao longe.

*Ah, a paz que tantas vezes abandonamos!*

*Ah, que dor inútil carregamos...*

Ele levanta a cabeça. Ela ouve um *Não!*, e alguma parte distante de si percebe com surpresa que o som saiu da própria boca. Os dedos do homem a agarram e puxam, e ele leva o braço estendido à sua cintura, desequilibrando-a. No ímpeto determinado dele, no hálito repulsivo, ela sente seu futuro transformar-se em algo sombrio e terrível. Mas o frio o deixou sem jeito, e ele se atrapalha ao tentar pegar a arma outra vez, virando de costas para ela, e é nesse instante que ela vê sua chance. Enfia a mão esquerda no alforje e, quando ele vira o rosto, ela larga as rédeas, segura o outro canto com a mão direita e bate o livro pesado com toda a força — *pá* — bem na cara dele. A arma dispara, um som potente ecoando nas árvores, e ela ouve a cantoria ser brevemente silenciada, os pássaros alçando voo, formando no céu uma nuvem escura e trêmula de

asas agitadas. Quando McCullough cai, o burro dá um pinote e se joga para a frente, assustado, cambaleando por cima dele, e Margery arqueja, segurando-se no pito da sela.

Então ela segue pelo leito do rio, a respiração presa na garganta, o coração disparado, confiando nos passos seguros do burro para se manter firme na água congelante e agitada, sem ousar olhar para trás e ver se McCullough conseguiu se levantar para ir atrás dela.

# 1

*Três meses antes*

Todos que se abanavam diante da loja ou ao passar pela sombra das árvores de eucalipto concordavam que estava insanamente quente para o outono. O salão comunitário de Baileyville estava impregnado com um cheiro forte de sabão de soda cáustica e perfume velho, corpos amontoados em seus vestidos de popelina e ternos de verão. O calor chegara a atravessar até mesmo as paredes, fazendo as tábuas de madeira rangerem e suspirarem em protesto. Colada às costas de Bennett enquanto ele passava pela fileira lotada, desculpando-se conforme as pessoas se levantavam com um suspiro mal disfarçado, Alice podia jurar que sentia o calor de cada corpo transferir-se para o seu toda vez que alguém se movia para deixá-los passar.

*Desculpe. Desculpe.*

Bennett finalmente alcançou dois lugares vazios, e Alice se sentou, as bochechas coradas de vergonha, ignorando os olhares de soslaio dos que os rodeavam. Bennett olhou para a própria lapela, retirando um fiapo inexistente, depois para a saia dela.

— Você não trocou de roupa? — murmurou ele.

— Você disse que estávamos atrasados.

— Não disse isso para você vir com roupas de ficar em casa.

Ela tentara fazer um escondidinho, uma forma de incentivar Annie a servir algum prato que não fosse do Sul. Mas as batatas ficaram verdes, ela não havia conseguido aumentar a temperatura do fogão, e tinha respingado gordura nela quando deixou a carne cair na chapa. Bennett chegou procurando por ela (Alice havia, é claro, perdido a noção do tempo) e não conseguiu entender de jeito nenhum por que ela não podia simplesmente deixar os afazeres culinários para a governanta quando algo importante ia acontecer.

Alice colocou a mão sobre a maior mancha de gordura na saia e resolveu deixá-la ali durante a hora seguinte. Porque aquilo com certeza levaria uma hora. Ou duas. Ou — piedade, Senhor — três.

Igrejas e reuniões. Reuniões e igrejas. Às vezes, Alice van Cleve sentia que só trocara um cotidiano tedioso por outro. Naquela mesma manhã, na igreja, o pastor McIntosh passara quase duas horas discursando sobre os pecadores, que aparentemente planejavam a dominação ímpia da cidadezinha, e agora, se abanando, parecia tão pronto para retomar a fala que chegava a ser perturbador.

— Recolque os sapatos — murmurou Bennett. — Alguém pode ver.

— É esse calor — disse Alice. — Meus pés são ingleses. Não estão acostumados a essa temperatura.

Embora não estivesse olhando para o marido, sentiu a repreensão dele. Mas estava com muito calor e cansada demais para ligar, e a voz do pastor era tão entediante que ela só captava meia dúzia de palavras — *germinar... rebanho... praga... sacolas de papel...* — e não conseguia se importar muito com o resto.

A vida de casada, disseram, seria uma aventura. Viajar para uma terra nova! Afinal, havia se casado com um americano. Comidas novas! Uma cultura nova! Novas experiências! Ela se imaginara em Nova York, de terninho elegante, em restaurantes movimentados e calçadas lotadas. Enviaria cartas para casa se gabando das novas experiências. *Ah, Alice Wright? Não foi ela que se casou com aquele americano lindo? Sim, recebi um cartão-postal dela — estive no Metropolitan Opera ou no Carnegie Hall...* Ninguém tinha lhe avisado que haveria tantas visitas a tias idosas com conversa fiada e louça chique, tantos remendos e costuras inúteis ou, pior ainda, tantos sermões mortalmente entediantes. Sermões e reuniões sem fim, com décadas de duração. Ah, como aqueles homens gostavam de ouvir a própria voz! Ela tinha a impressão de que levava uma bronca de horas quatro vezes por semana.

Os Van Cleve haviam parado em nada menos do que treze igrejas a caminho dali, e o único sermão de que Alice gostara fora o que ouvira em Charleston, onde o pregador falou durante tanto tempo que a congregação finalmente perdeu a paciência e decidiu se unir para “calá-lo com música” — começaram a cantar até engolir a voz do pastor, para que ele entendesse o recado, e, um tanto mal-humorado, encerrasse a pregação. Suas tentativas de falar mais alto em meio à cantoria determinada que só aumentava foram em vão, e fizeram Alice rir. Conforme havia constatado uma hora antes, os ouvintes em Baileyville, Kentucky, pareciam decepcionantemente absortos.

— Coloque-os de volta, Alice. Por favor.

Seu olhar cruzou com o da Sra. Schmidt, em cuja sala tomara chá duas semanas antes, e Alice logo virou o rosto para a frente, tentando não parecer simpática *demais* para que ela não pensasse em convidá-la de novo.

— Bom, obrigado, Hank, pelas dicas de como armazenar sementes. Tenho certeza de que vamos botar as lições em prática. — Enquanto Alice deslizava novamente os pés para dentro dos sapatos, escutou o pastor acrescentar: — Ah, não se levantem ainda, senhoras e senhores. A Sra. Brady pediu um minutinho de sua atenção.

Alice sabia muito bem o que aquela frase significava, e tirou os sapatos outra vez. Uma senhorinha de meia-idade foi até o púlpito — o tipo que seu pai descreveria como “bem acolchoada”, com enchimento firme e curvas sólidas, dignos de um sofá de qualidade.

— É a respeito da biblioteca móvel — disse a senhora, abanando o pescoço delicadamente com um leque branco e ajeitando o chapéu. — Gostaria de chamar a atenção de vocês para alguns *acontecimentos* recentes. Estamos todos cientes dos efeitos... hum... *devastadores* que a Depressão teve neste grande país. Tanta atenção tem sido dedicada à sobrevivência que muitos outros aspectos de nossa vida tiveram de ser deixados de lado. Alguns de vocês talvez estejam a par dos esforços *formidáveis* do presidente e da Sra. Roosevelt para restaurar a atenção à alfabetização e ao aprendizado. Bem, no início da semana, tive o privilégio de tomar um chá com a Sra. Lena Nofcier, presidente do Serviço de Bibliotecas da Associação de Pais e Alunos do Kentucky, e ela nos disse que, como parte de seus projetos, a WPA, agência que cuida da administração do progresso de obras públicas, instituiu um sistema de bibliotecas móveis em diversos estados, inclusive aqui no Kentucky. Alguns de vocês talvez já tenham ouvido falar na biblioteca que montaram no Condado de Harlan, certo? Bem, ela se mostrou *imensamente* bem-sucedida. Sob o amparo da própria Sra. Roosevelt e da WPA...

— Ela é da igreja episcopal.

— O quê?

— Roosevelt. É da igreja episcopal.

Uma das bochechas da Sra. Brady sofreu um pequeno espasmo.

— Bem, não vamos julgá-la por isso. É nossa primeira-dama e está tentando fazer coisas ótimas pelo nosso país.

— Era melhor que estivesse tentando se colocar em seu lugar, não agitando as coisas por aí.

Um homem com uma papada enorme vestindo um terno de linho claro concordou com a cabeça e olhou ao redor, buscando apoio.

Do outro lado da congregação, Peggy Foreman inclinou-se para ajeitar a saia bem no momento em que Alice notou sua presença, o que deu a impressão de que Alice a encarava fazia tempo. Peggy fez uma careta e empinou o pequeno nariz, então murmurou algo para a moça ao lado. Esta, por sua vez, se virou e lançou o mesmo olhar desagradável para Alice, que se recostou no banco tentando conter o rubor que subia pelas bochechas.

*Alice, você não vai se adaptar se não fizer amizades*, Bennett repetia, como se ela pudesse convencer Peggy Foreman e seu time de caras azedas.

— Sua namoradina está me amaldiçoando a distância de novo — murmurou Alice.

— Ela não é minha namoradina.

— Bem, ela certamente achava que era.

— Eu já disse: éramos jovens. Eu conheci você e... Bem, o resto é passado.

— Gostaria que dissesse isso a ela.

Bennett se aproximou um pouco.

— Querida, reclusa desse jeito, eles vão achar que você é meio... esnobe.

— Sou inglesa, Bennett. Não fomos feitos para ser... *acolhedores*.

— Só acho que quanto mais você interagir, melhor será para nós dois. Papai também acha.

— Ah. Ele acha, é?

— Não faça isso.

A Sra. Brady dirigiu-lhes um olhar severo.

— Como eu ia dizendo, devido ao sucesso de tais empreitadas nos estados vizinhos, a WPA liberou fundos para criarmos a nossa própria biblioteca itinerante aqui no Condado de Lee.

Alice reprimiu um bocejo.

No aparador de casa havia uma foto de Bennett com o uniforme de beisebol. Tinha acabado de fazer um *home run* e exibia uma expressão peculiar de intensidade e alegria, como se naquele instante vivenciasse uma experiência transcendental. Ela desejou que ele a olhasse daquele jeito de novo.

Mas, quando se permitia pensar no assunto, Alice van Cleve percebia que seu casamento tinha sido consequência de uma série de acontecimentos aleatórios, que começou com um cachorro de porcelana em pedaços, resultado de uma partida de *badminton indoor* entre ela e Jenny Fitzwalter

(estava chovendo — o que mais poderiam fazer?), e se intensificou com a perda de sua vaga na escola de secretariado devido a constantes atrasos, até o dia do escândalo indecoroso que fez com o chefe de seu pai durante uma reunião de Natal. (*Mas ele colocou a mão no meu traseiro enquanto eu estava servindo os canapés!*, protestou Alice. *Não seja vulgar, Alice*, disse a mãe, estremecendo). Essas três ocasiões — além de um incidente envolvendo os amigos de seu irmão Gideon, muito ponche com rum e um tapete destruído (ela não percebeu que o ponche era alcoólico! Ninguém disse!) — levaram seus pais a sugerirem o que eles chamavam de *período de reflexão*, que equivalia a *manter Alice dentro de casa*. Ela os ouvira conversar na cozinha. *Ela sempre foi assim. É igual à sua tia Harriet*, dissera o pai com desdém, o que fez a mãe passar dois dias inteiros sem falar com ele, como se a ideia de Alice ser um produto exclusivo de sua linhagem genética fosse ofensiva demais para suportar.

Assim, durante o longo inverno, enquanto Gideon ia a bailes e festas intermináveis, passava fins de semana inteiros na casa de amigos ou farreando em Londres, Alice foi aos poucos excluída das listas de convidados e passou a ficar o tempo todo em casa, trabalhando de má vontade em algum bordado torto. Suas únicas saídas consistiam em acompanhar a mãe em visitas a parentes idosos ou a reuniões do Instituto da Mulher, onde os assuntos costumavam ser bolo, arranjos de flores e *A Vida dos Santos* — como se estivessem tentando literalmente *matá-la* de tédio. Ela parou de pedir detalhes a Gideon, pois só piorava seu ânimo. Em vez disso, jogava cartas emburrada, roubava no Monopoly de mau humor e se sentava com o cotovelo na mesa da cozinha e o rosto apoiado nas mãos, escutando o rádio que prometia um mundo muito além das preocupações sufocantes do seu.

Portanto, dois meses depois, quando Bennett van Cleve surgiu sem aviso, em uma tarde de domingo, no festival de primavera do ministério — com seu sotaque americano, seu maxilar quadrado e o cabelo louro, carregando ares de um mundo a milhares de quilômetros de Surrey —, francamente, poderia ter sido o Corcunda de Notre Dame e ela acharia que se mudar para uma torre de igreja com sinos tocando era mesmo uma excelente ideia, muito obrigada.

Os homens olhavam muito para Alice, e Bennett logo ficara encantado com aquela jovem inglesa elegante, de grandes olhos castanhos e cabelo louro volumoso e ondulado, cuja voz nítida e articulada era diferente de tudo que já ouvira em Lexington e que, como notara seu pai, poderia muito bem ser uma

princesa britânica, a julgar pelos modos requintados e a maneira refinada com que segurava uma xícara de chá. Quando a mãe de Alice comentou que de fato tinham uma duquesa na família, por um casamento duas gerações antes, Van Cleve pai quase enfartou de alegria.

— Uma duquesa? Uma duquesa real? Ora veja! Ah, Bennett, sua querida mãe teria adorado isso, não é?

Pai e filho visitavam a Europa com um grupo de missionários do Ministério Integrado do Kentucky do Leste a fim de observar como os fiéis exerciam a fé fora dos Estados Unidos. O próprio Sr. Van Cleve havia financiado a viagem de diversos participantes, em homenagem à falecida esposa, Dolores, fato que costumava alardear nas pausas entre as conversas. Podia ser um homem de negócios, mas aquilo não significava nada, *nada*, se não trabalhasse sob os auspícios de Deus. Alice achou que ele demonstrara certa decepção com as pequenas e um tanto tépidas expressões de fervor religioso na St Mary's — e a congregação sem dúvida fora pega de surpresa pelos rugidos fervorosos do pastor McIntosh sobre fogo e enxofre (a pobre Sra. Arbutnot teve que ser levada por uma porta lateral para respirar um pouco de ar fresco). Mas a falta de devoção dos britânicos, observou o Sr. Van Cleve, era mais do que compensada por suas igrejas e catedrais, além de toda a sua *história*. *E a história em si não era uma experiência espiritual?*

Alice e Bennett, enquanto isso, estavam ocupados com a própria experiência, um pouco menos sagrada. Despediram-se de mãos dadas e com calorosas expressões de afeto, do tipo que são acentuadas pela perspectiva de separação iminente. Trocaram cartas durante a passagem de Bennett por Rheims, Barcelona e Madri. As cartas alcançaram um ponto particularmente intenso quando ele chegou a Roma, e, na volta, só os familiares mais distantes ficaram surpresos com o pedido de casamento. Alice, com o entusiasmo de um passarinho que vê a porta de sua gaiola se abrir, hesitou por meio segundo antes de dizer sim, sim, aceitava o pedido de seu apaixonado — e então deliciosamente bronzeado — americano. Quem não aceitaria o pedido de um homem lindo, de maxilar quadrado, que a olhava como se ela fosse feita de fios de seda? Todos os demais haviam passado os últimos meses olhando-a como se ela estivesse contaminada.

— Nossa, você é perfeita — dizia Bennett, segurando o pulso fino da amada entre o indicador e o polegar, os dois jovens sentados no balanço do jardim dos pais dela, as golas erguidas para se protegerem da brisa, enquanto os pais de ambos observavam da janela da biblioteca, cada um secreta-

mente aliviado por suas próprias razões. — É tão delicada e refinada. Como um puro-sangue.

O “refinada” se destacava em seu sotaque americano.

— E você é absurdamente lindo. Feito uma estrela de cinema.

— Mamãe teria adorado você. — Ele passou o dedo por sua bochecha.

— É como uma boneca de porcelana.

Seis meses depois, Alice podia apostar que ele já não a via como uma boneca de porcelana.

Casaram-se logo, justificando a pressa com a necessidade do Sr. Van Cleve de retornar aos negócios. Alice teve a impressão de que seu mundo sofrera uma reviravolta; sua felicidade e empolgação foram tão intensas quanto havia sido seu abatimento durante o longo inverno. A mãe de Alice fez as malas da filha com a mesma alegria quase indecorosa com que contara a todos em seu círculo sobre o adorável genro americano, cujo pai era um rico industrialista. Talvez tivesse sido melhor se ela demonstrasse um pouco de tristeza com a mudança de sua única filha para um lugar nos Estados Unidos que ninguém jamais havia visitado. Mas Alice também ficara igualmente animada, raciocinou ela. O irmão era o único que parecia triste de verdade, e ela tinha quase certeza de que superaria aquilo no próximo fim de semana fora.

— Vou visitar você, é claro — disse ele.

Os dois sabiam que era mentira.

A lua de mel de Bennett e Alice consistira na viagem de cinco dias de navio até os Estados Unidos. Em seguida, os dois pegaram a estrada de Nova York até o Kentucky. (Ela havia pesquisado “Kentucky” na enciclopédia e ficou encantada com todas aquelas corridas de cavalo. Tudo indicava que era uma festividade que durava o ano inteiro.) Ela dava gritinhos de empolgação por tudo: o carro enorme deles, o tamanho do transatlântico, o pingente de diamante que Bennett comprara de presente para ela em uma Burlington Arcade em Londres. Nem se incomodou de ter o Sr. Van Cleve como acompanhante durante todo o percurso. Afinal, teria sido uma grosseria deixar o velho sozinho, e ela estava tão empolgada por deixar Surrey, com seus domingos em salas de visita silenciosas e a atmosfera de repressão permanente, que não se importava com nada.

Se Alice sentia-se vagamente insatisfeita com o Sr. Van Cleve grudado neles que nem carrapato, reprimia o sentimento, fazendo o possível para ser a versão adorável de si mesma que os dois homens pareciam esperar. No transatlântico entre Southampton e Nova York, ela e Bennett conseguiam passear

sozinhos pelo deque depois do jantar, enquanto o pai cuidava dos negócios ou conversava com os velhos na mesa do capitão. O braço forte de Bennett a puxava para perto, então ela erguia a mão esquerda com a nova aliança de ouro e se maravilhava ao pensar que ela, Alice, era *uma mulher casada*. Quando chegassem ao Kentucky, dizia a si mesma, seria *devidamente* casada, já que não teriam mais de ficar os três no mesmo quarto, separados apenas por uma cortina.

— Não é exatamente o enxoval que eu tinha em mente — sussurrou ela, com sua camisola e uma calça de pijama.

Não se sentia confortável vestindo menos que isso desde que o Sr. Van Cleve, ainda semiadormecido, confundira a cortina do quarto com a porta do banheiro.

Bennett beijou sua testa, sussurrando em resposta:

— Eu não ficaria à vontade com meu pai tão perto, de qualquer jeito.

Colocou a grande almofada entre eles (*ou talvez eu não consiga me controlar*) e ficaram deitados lado a lado, de mãos dadas, inocentemente, no escuro, a respiração alta em meio à vibração do imenso navio.

Ao se lembrar, percebia que a viagem havia sido impregnada de anseios reprimidos, com beijos furtivos atrás de botes salva-vidas, sua imaginação voando enquanto as ondas do mar quebravam lá embaixo. *Você é tão linda... Tudo vai ser diferente quando chegarmos*, ele murmurava em seu ouvido, e ela olhava aquela face belamente esculpida e enfiava o rosto no pescoço cheiroso de Bennett, perguntando-se por quanto tempo suportaria.

Então, depois da interminável jornada de carro e das paradas com o ministro tal e o reverendo não sei das quantas durante todo o trajeto de Nova York ao Kentucky, Bennett anunciara que não morariam em Lexington, como ela havia imaginado, mas em uma cidadezinha um pouco mais ao sul. Pegaram a estrada e continuaram adiante até que as vias se tornaram ruas estreitas de terra, e os edifícios, escassos, sob a sombra de montanhas cobertas de árvores. *Tudo bem*, dissera ela, escondendo a decepção ao ver a rua principal de Baileyville, com um ou outro edifício de tijolos e suas ruas estreitinhas que davam em lugar nenhum. Ela gostava bastante do campo. E poderiam fazer passeios até a cidade, como quando sua mãe ia a Simpsons in the Strand, certo? Ela lutou para ser igualmente otimista diante da descoberta de que, pelo menos durante o primeiro ano, morariam com o Sr. Van Cleve (*Não posso deixar papai sozinho enquanto ele não se recuperar da perda de mamãe. Por ora não, ao menos. Não fique desanimada, querida. É a segunda maior casa da*

*cidade. E vamos ter nosso próprio quarto.*). Então, quando finalmente ficaram juntos no quarto, é claro, as coisas desandaram de tal maneira que ela nem sabia ao certo se tinha palavras para explicar.

Com o mesmo ranger de dentes com que suportara o colégio interno e as aulas de equitação, Alice tentava se adaptar à vida na pequena cidade no Kentucky. Era uma mudança cultural *e tanto*. Com muito esforço, podia detectar certa beleza rústica na paisagem, com aquele céu imenso, as estradas vazias na luz inconstante, as montanhas com milhares de árvores por onde circulavam ursos selvagens de verdade, e as copas sobrevoadas por águias. Ela ficava impressionada com o tamanho de tudo, as vastas distâncias que pareciam ser uma constante ali, como se tivesse que ajustar toda a sua perspectiva. Mas, na verdade, como descreveu semanalmente para Gideon em suas cartas, todo o resto era basicamente impossível.

Ela achava asfixiante a vida na grande casa branca, apesar de Annie, a governanta quase muda, livrá-la da maior parte das tarefas domésticas. A casa de fato era uma das maiores da cidade, porém abarrotada de móveis antigos e grandalhões, todas as superfícies cobertas com fotografias ou ornamentos da falecida Sra. Van Cleve, ou com uma variedade inacreditável de bonecas de porcelana, objetos que os dois homens descreviam como “os preferidos de mamãe”, caso Alice tentasse mudá-los de lugar. A influência piedosa e exigente da Sra. Van Cleve pairava sobre a casa como uma mortalha.

*Sua mãe não teria gostado dessa arrumação das almofadas, não é, Bennett?*

*Ah, não. Mamãe tinha uma opinião muito forte sobre a mobília.*

*Mamãe realmente amava seus salmos bordados. O pastor McIntosh chegou a dizer que não conhecia uma mulher em todo o Kentucky que bordasse melhor que ela.*

Ela achava autoritária a presença constante do Sr. Van Cleve: ele decidia o que faziam, o que comiam, até mesmo a rotina de seus dias. Era incapaz de ficar fora do que quer que estivesse acontecendo, mesmo que fosse apenas ela e Bennett ouvindo gramofone no próprio quarto, onde entrava sem bater.

— Estamos ouvindo música, é? Ah, vocês deveriam colocar Bill Monroe. Nada supera o velho Bill. Vamos lá, rapaz, tire esse jazz barulhento e coloque o Bill.

Se bebesse uma ou duas doses de *bourbon*, as declarações se tornavam grosseiras e rápidas, e Annie logo encontrava motivos para se esconder na

cozinha antes que ele se irritasse e começasse a colocar defeito no jantar. *Ele está de luto*, Bennett murmurava. Não dava para culpar um homem por não querer ficar sozinho com seus pensamentos.

Ela logo descobriu que Bennett nunca discordava do pai. Nas poucas ocasiões em que Alice se manifestara, com muita delicadeza, dizendo que não, na verdade nunca foi muito chegada em costela de porco — ou que considerava jazz um estilo muito empolgante —, os dois largaram seus garfos olhando para ela com o mesmo choque e reprovação que ela causaria se tirasse a roupa e dançasse em cima da mesa. *Por que tem que ser tão do contra, Alice?*, sussurrava Bennett enquanto seu pai se levantava para berrar ordens para Annie. Não demorou a perceber que era mais seguro não expressar qualquer opinião.

Fora de casa, não era muito melhor: os moradores de Baileyville a observavam com o mesmo olhar questionador que lançavam a qualquer coisa “estrangeira”. A maior parte da população da cidade era formada por camponeses; pareciam ter passado a vida toda em um raio de poucos quilômetros, e sabiam tudo a respeito uns dos outros. Aparentemente, havia estrangeiros na Mineradora Hoffman, que abrigava cerca de quinhentas famílias de mineradores do mundo inteiro, os quais trabalhavam sob a supervisão do Sr. Van Cleve. Mas a maioria dos mineradores morava em casas fornecidas pela empresa de mineração, frequentava as lojas, a escola e o médico da empresa, e era pobre demais para ter veículos ou cavalos, então raramente ia até Baileyville.

Toda manhã, Bennett e o pai iam com o automóvel do Sr. Van Cleve até a mina e voltavam pouco depois das seis. Entre uma coisa e outra, Alice se via perdendo horas em uma casa que não era sua. Tentou fazer amizade com Annie, mas, com uma mistura de silêncio e ares muito atarefados, a mulher dera a entender que não tinha intenção de conversar. Alice se oferecera para cozinhar, mas Annie informara que o Sr. Van Cleve era muito *exigente* com sua dieta e só gostava de comidas do Sul, supondo, corretamente, que Alice não sabia cozinhar nada daquilo.

A maioria das residências plantava as próprias frutas e vegetais, e poucas não tinham pelo menos um ou dois porcos ou um bando de galinhas. Havia um armazém geral com imensos sacos de farinha e açúcar dispostos na entrada, as prateleiras repletas de latas. E havia um único restaurante: o Nice’N’Quick, cuja porta verde exibia uma placa que instruía de forma séria que *o uso de sapatos é obrigatório*, e que servia especialidades nas quais ela nunca tinha

ouvido falar, como tomates verdes fritos, couve-galega e coisas que chamavam de biscoitos mas eram na verdade um meio-termo entre pastel e bolinho. Ela própria tentou prepará-los certa vez, ignorando os protestos de Annie. Só que eles não saíram do forno macios e fofinhos, como os da governanta, mas tão duros que faziam barulho ao bater no prato (Alice jurava que havia sido maldição dela).

Fora convidada para tomar chá várias vezes por algumas mulheres da cidade e tentara puxar assunto, mas percebeu que tinha pouco a dizer, já que era péssima em costura — que, ao que tudo indicava, era a principal preocupação do lugar — e não sabia nada sobre os nomes mencionados nas fofocas. Depois do primeiro, todo chá parecia começar obrigatoriamente com a história dos biscoitos duros de Alice (as outras mulheres haviam achado aquilo hilário).

No fim das contas, era mais fácil ficar sentada na cama do quarto que dividia com Bennett relendo as poucas revistas que trouxera da Inglaterra, ou escrevendo mais uma carta para Gideon em que não deixasse transparecer sua infelicidade.

Aos poucos se deu conta de que trocara uma prisão domiciliar por outra. Certos dias, achava que seria incapaz de suportar mais uma noite assistindo ao pai de Bennett ler as escrituras na cadeira de balanço ruidosa da varanda (*A palavra de Deus deve ser todo o estímulo mental de que necessitamos, não era isso que mamãe dizia?*), enquanto sentia o cheiro dos panos mergulhados em óleo que queimavam para manter os mosquitos afastados e remendava as partes gastas das roupas do sogro (*Deus odeia desperdício... Essa calça tem apenas quatro anos, Alice. Ainda tem muito tempo de uso pela frente*). Alice resmungava mentalmente que se Deus precisasse ficar sentado na penumbra costurando as calças de outra pessoa, provavelmente teria comprado um modelo novo na Arthur J Harmon's de Lexington, mas se contentava em dar um sorrisinho amarelo e cerrar mais os olhos, concentrando-se nos pontos. Enquanto isso, Bennett tinha frequentemente a expressão de alguém que de algum jeito fora enganado e não sabia ao certo o que ou como acontecera.

— Que diabo é uma biblioteca itinerante, afinal?

Alice foi arrancada de seu devaneio por uma cutucada brusca de Bennett.

— Fizeram uma no Mississippi, usando barcos — disse uma voz ao fundo do salão.

— As bibliotecárias remam com os livros para cima e para baixo no rio.

— Bem, não vão conseguir colocar barcos nos nossos riachos. São rasos demais.

— Acredito que a ideia seja usar cavalos — disse a Sra. Brady.

— Vão andar a cavalo pelo rio? Maluquice.

A primeira leva de livros chegara de Chicago, continuou a Sra. Brady, e outros mais estavam a caminho. Haveria um vasto acervo de ficção, desde Mark Twain a Shakespeare, além de livros práticos com receitas, dicas domésticas e lições sobre educação infantil. Haveria até algumas revistas em quadrinhos — revelação que inspirou gritinhos de empolgação em algumas crianças.

Alice olhou o relógio de pulso, perguntando-se quando conseguiria tomar sua raspadinha. A única vantagem daquelas reuniões era que não ficavam presos em casa a noite toda. Já estava com medo de como seriam os invernos, época em que teriam mais dificuldade de encontrar motivos para escapar.

— Que homem tem tempo de sair por aí a cavalo? Precisamos trabalhar, não podemos ficar passeando só para entregar a última edição da *Ladies' Home Journal*.

Houve um burburinho abafado de risadas.

— Bem que Tom Faraday gosta de olhar roupas íntimas femininas no catálogo da Sears. Soube que passa horas no banheiro quando pega um!

— Sr. Porteous!

— Não são homens, são mulheres — disse alguém.

Houve um breve silêncio.

Alice virou-se para ver quem havia falado. Uma mulher estava encostada nas portas dos fundos com um sobretudo de algodão azul-escuro, de mangas arregaçadas. Estava de culote e suas botas eram gastas. Devia ter uns trinta e tantos ou quarenta e poucos anos, seu rosto era bonito e o cabelo longo e escuro estava preso em um coque apressado.

— São as mulheres que cavalgam. Entregando os livros.

— Mulheres?

— Sozinhas? — A voz era masculina.

— Até onde sei, Deus deu duas pernas e dois braços para elas, que nem deu para os homens.

Uma breve agitação perpassou a plateia. Alice olhou com mais atenção, intrigada.

— Obrigada, Margery. No Condado de Harlan são seis mulheres, e há todo um sistema já em funcionamento. Como eu disse, queremos fazer algo semelhante aqui. Já temos duas bibliotecárias, e o Sr. Guisler gentilmente nos emprestou alguns cavalos. Gostaria de aproveitar essa oportunidade para agradecer a generosidade dele.

A Sra. Brady fez um gesto para que a mulher mais jovem se aproximasse.

— Muitos de vocês já conhecem a Srta. O'Hare...

— Ah, sim, conhecemos os O'Hare, com certeza...

— Então devem saber que ela vem trabalhando durante as últimas semanas para ajudar a organizar as coisas. Temos também Beth Pinker... Levante-se, Beth. — Uma moça com sardas, nariz arrebitado e cabelo louro-escuro levantou-se, envergonhada, depois voltou a se sentar. — Ela já começou a trabalhar com a Srta. O'Hare. Um dos muitos motivos para convocar esta reunião é que precisamos de mais mulheres com noção básica de literatura e da sua organização para que possamos avançar com esse projeto cívico dos mais importantes.

O Sr. Guisler, o negociante de cavalos, levantou a mão e ficou de pé.

— Bom, acho que é uma boa ideia — disse ele com uma firmeza tranquila, após hesitar por um momento. — Minha mãe lia muitos livros, e ofereci meu velho celeiro para que fizessem a biblioteca. Acredito que todas as boas pessoas aqui reunidas deveriam apoiar o projeto. Obrigada.

Ele sentou-se novamente.

Margery O'Hare apoiou-se na mesa diante de todos e olhou firmemente para o mar de rostos à frente. Alice notou um murmúrio vago de descontentamento entre os presentes, e que parecia ser sobre a mulher. Notou também que Margery O'Hare parecia não dar a mínima para aquilo.

— Temos um grande condado para atender — acrescentou a Sra. Brady. — Não daremos conta só com duas mulheres.

Uma mulher na parte da frente do salão falou:

— E o que significaria? Essa coisa de bibliotecária a cavalo?

— Bem, envolveria cavalgar até algumas das casas mais remotas e fornecer material de leitura para aqueles que talvez não possam ir até as bibliotecas do condado devido a, digamos, problemas de saúde, fragilidade ou falta de transporte.

Ela baixou a cabeça para olhar por cima de seus óculos meia-lua.

— Acrescento que isso ajudará a disseminar a educação e levará conhecimento a lugares onde talvez estejam muito carentes disso. Nosso presidente

e sua esposa acreditam que esse projeto tem a capacidade de transformar conhecimento e aprendizado novamente em prioridade na vida dos moradores de áreas rurais.

— Não vou deixar minha mulher subir montanha nenhuma — disse alguém ao fundo.

— Você tem é medo de que ela não volte mais, não é, Henry Porteous?

— Podem levar a minha. Vou ficar é muito feliz se ela sair cavalgando e não voltar!

Uma risada se espalhou pelo cômodo.

A Sra. Brady ergueu a voz, frustrada.

— Senhores. Por favor. Estou pedindo que algumas moças contribuam para o nosso bem cívico e se inscrevam. A WPA vai fornecer os cavalos e os livros, e vocês só precisariam se comprometer a fazer as entregas pelo menos quatro dias na semana. Às vezes será preciso começar de madrugada e alguns dias de trabalho serão mais longos, devido à topografia do nosso lindo condado, mas acredito que será muito recompensador.

— Então por que você mesma não vai? — indagou alguém no fundo.

— Eu faria, mas, como muitos de vocês sabem, estou à mercê do meu quadril. O Dr. Garnett me disse que percorrer grandes distâncias a cavalo seria desafiador para meu físico. O ideal seria encontrar voluntárias mais jovens.

— Não é seguro uma moça andar por aí sozinha. Sou contra.

— Boa coisa não é. As mulheres têm é que cuidar da casa. Daqui a pouco vão querer que sejam mineradoras, dirijam caminhões...

— Sr. Simmonds, se não consegue enxergar que há uma diferença imensa entre um caminhão e um exemplar de *Noite de Reis*, que Deus ajude a economia do Kentucky, porque não sei onde vamos parar.

— As famílias têm que ler a Bíblia. Nada mais. Quem vai ficar de olho no que estão distribuindo por aí, afinal? Vocês sabem como o pessoal lá do Norte é. Podem espalhar todo tipo de ideia maluca.

— São livros, Sr. Simmonds. Os mesmos que ajudaram o senhor a aprender quando menino. Se bem que, se não me falha a memória, o senhor preferia puxar as tranças das meninas a ler.

Outra onda de risadas da plateia.

Ninguém se moveu. Uma mulher olhou para o marido, mas ele fez que não com a cabeça discretamente.

A Sra. Brady ergueu a mão.

— Ah, esqueci de mencionar. É uma oportunidade *paga*. A remuneração será cerca de vinte e oito dólares por mês. Então, quem gostaria de se inscrever?

Houve um breve burburinho.

— Não posso — disse uma mulher de cabelo ruivo com um penteado extravagante. — Não com quatro crianças de menos de cinco anos em casa.

— Não entendo por que o governo está desperdiçando o dinheiro que é fruto do nosso suor distribuindo livros para pessoas que nem sabem ler — acrescentou Jowly Man. — A metade nem vai para a igreja.

A voz da Sra. Brady começou a ficar levemente desaperada.

— Uma experiência de um mês. Vamos lá, moças. Não posso voltar e dizer à Sra. Nofcier que ninguém em Baileyville quis se voluntariar. O que ela pensaria de nós?

Ninguém falou. O silêncio se prolongou. À esquerda de Alice, uma abelha bateu preguiçosamente na janela. As pessoas começaram a se remexer nos bancos. A Sra. Brady observou a assembleia, sem se deixar abater.

— Vamos lá. Não vamos deixar que o incidente da angariação de fundos para os órfãos se repita.

De repente, foi como se muitos pares de sapatos precisassem de atenção imediata.

— Ninguém? Mesmo? Bem... Izzy vai ser a primeira, então.

Uma jovem pequena, quase perfeitamente esférica, semiescondida na plateia lotada, levou as mãos à boca. Alice viu, mais do que ouviu, a boca da jovem emitir o protesto:

— Mãe!

— Já temos uma voluntária. Minha menina não vai ter medo de cumprir seu dever pelo nosso país, não é, Izzy? Mais alguém?

Ninguém falou.

— Nenhuma de vocês? Não consideram aprender importante? Não acham que proporcionar acesso à educação às famílias mais humildes é necessário?

— Ela fuzilou o grupo com o olhar. — Bem. Não era a reação que eu tinha imaginado.

— Eu me voluntario — disse Alice, em meio ao silêncio.

A Sra. Brady estreitou os olhos, fazendo sombra com a mão.

— É a Sra. Van Cleve?

— Sim. Alice.

— Não pode se inscrever — sussurrou Bennett, nervoso.

Alice se inclinou para a frente.

— Meu marido estava agora mesmo me dizendo que acredita muito na importância do dever cívico, assim como sua falecida mãe, portanto ficarei feliz de ser voluntária.

Sentiu um formigamento na pele quando os olhares de todos se voltaram para ela.

A Sra. Brady se abanou com mais vigor.

— Mas... Você não conhece bem a geografia daqui, querida. Acho que não seria muito sensato.

— É — sibilou Bennett. — Você não conhece a geografia, Alice.

— Eu mostro o caminho para ela. — Margery O'Hare cumprimentou Alice com um leve movimento de cabeça. — Faremos as rotas juntas por uma ou duas semanas. E ela ficará com os endereços mais próximos até que aprenda.

— Alice, eu... — sussurrou Bennett.

Ele parecia agitado e olhou de relance para o pai.

— Sabe cavalgar?

— Desde os quatro anos.

A Sra. Brady mudou o peso do corpo da ponta do pé para os calcanhares, satisfeita.

— Bem, então pronto, Srta. O'Hare. Já tem mais duas bibliotecárias.

— É um começo.

Margery O'Hare sorriu para Alice, que retribuiu o sorriso antes mesmo de perceber o que fazia.

— Bem, não acho de modo algum que seja uma boa ideia — falou George Simmonds. — E vou escrever para o governador Hatch amanhã mesmo para dizer isso a ele. Acredito que enviar mulheres por aí sozinhas seja uma receita para o desastre. E só consigo ver nessa ideia mal concebida a fomentação de pensamentos ímpios e mau comportamento, com ou sem primeira-dama. Passar bem, Sra. Brady.

— Passar bem, Sr. Simmonds.

A congregação começou a se levantar em massa.

— Vejo você na biblioteca segunda-feira de manhã — disse Margery O'Hare, ao saírem à luz do dia, e apertou a mão de Alice. — Pode me chamar de Marge.

A mulher olhou para o céu, colocou um chapéu de couro de abas largas e foi até um grande burro, que cumprimentou com a mesma surpresa entusiasmada que cumprimentaria uma velha amiga que encontrasse por acaso.

Bennett ficou olhando a cena.

— Sra. Van Cleve, não faço ideia do que acha que está fazendo.

Ele teve de repetir duas vezes antes que ela se lembrasse de que agora aquele era o seu nome.



Cinco mulheres vão enfrentar uma  
cidade inteira por amor aos livros.  
E juntas vão descobrir o poder do  
conhecimento, da liberdade e da amizade.

ISBN 978-85-510-0545-3



[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)